

Raízes da Brasilidade

Narrativas de Resistência

..... Maysa Leal de Oliveira



Universidade Estadual da Paraíba

Profª. Célia Regina Diniz | *Reitora*

Profª. Ivonildes da Silva Fonseca | *Vice-Reitora*



Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Cidoval Morais de Sousa | *Diretor*

Conselho Editorial

Alessandra Ximenes da Silva (UEPB)

Alberto Soares de Melo (UEPB)

Antonio Roberto Faustino da Costa (UEPB)

José Etham de Lucena Barbosa (UEPB)

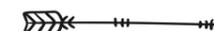
José Luciano Albino Barbosa (UEPB)

Melânia Nóbrega Pereira de Farias (UEPB)

Patrícia Cristina de Aragão (UEPB)

Raízes da Brasilidade

Narrativas de Resistência



Editora indexada no SciELO desde 2012



Editora filiada a ABEU

EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB - CEP 58429-500
Fone: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br> - email: eduepb@uepb.edu.br



Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Cidoval Morais de Sousa (*Diretor*)

Expediente EDUEPB

Design Gráfico e Editoração

Erick Ferreira Cabral
Jefferson Ricardo Lima A. Nunes
Leonardo Ramos Araujo

Revisão Linguística e Normalização

Antonio de Brito Freire
Elizete Amaral de Medeiros

Assessoria Técnica

Carlos Alberto de Araujo Nacre
Thaise Cabral Arruda
Walter Vasconcelos

Divulgação

Danielle Correia Gomes

Comunicação

Efigênio Moura

Depósito legal na Câmara Brasileira do Livro - CDL

O48r Oliveira, Maysa Leal de.
Raízes da brasilidade [recurso eletrônico] : narrativas de resistências / Maysa Leal de Oliveira. – Campina Grande : EDUEPB, 2023.
130 p. : il. ; color. ; 12000 KB.

ISBN: 978-85-7879-902-1 (E-book)

1. Indígenas. 2. Cultura indígena. 3. Terras indígenas. I. Oliveira, Maysa Leal de. II. Título.

CDD 305.898

Ficha catalográfica elaborada por Maria Ivaneide de A.S.C. Marcelino – CRB-15/378

Copyright © EDUEPB

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Raízes da Brasilidade

Narrativas de Resistência

Maysa Leal de Oliveira



Campina Grande/PB, 2023

Pesquisa, Projeto, Textos e Organização:

MAYSA LEAL DE OLIVEIRA

Fotografias:

FABRÍCIO FERREIRA DOS SANTOS

Projeto Gráfico:

RUAN RIBAS BENÍCIO DE SOUZA PUGA

Supervisão:

MARIA CRISTINA GOBBI

Agradecimentos:

ARTICULAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS DO BRASIL - APIB

Com apoio de:



Pró Reitoria de Pesquisa da Universidade Estadual Paulista -
PROPe/UNESP - Edital PROPe 013/2022
Faculdade de Arquitetura, Artes, Design e Comunicação da
Universidade Estadual Paulista - FAAC/UNESP
Grupo de Pesquisa Pensamento Comunicacional Latino
Americano - PCLA/FAAC/UNESP



EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina
Grande-PB - CEP 58429-500 Fone: (83) 3315-3381 -
<http://eduepb.uepb.edu.br> - email:
eduepb@uepb.edu.br



As imagens e depoimentos deste livro foram registradas durante o Acampamento Terra Livre 2023, a maior assembléia de povos indígenas do Brasil, de 24 a 28 de Abril em Brasília/DF, com a autorização da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil - APIB, mediante o cadastramento de seus produtores na cobertura colaborativa do evento e adesão eletrônica ao documento de autorização de uso de imagem, voz e som, que reserva à APIB o direito de utilização do material produzido sem qualquer ônus e permite aos produtores a sua utilização na forma que melhor lhes convier, observando o manual de boas práticas de comunicação da APIB.

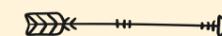


Introdução



A palavra como flecha

Eu falo com as pessoas em grupos grandes e grupos pequenos. Converso com elas, falo a respeito da nossa sobrevivência na Terra. O pessoal escuta, mas a fala da gente não vai tão longe, por isso pensei no arco e flecha. A gente estica e solta para ir mais longe, para tocar o coração, para olhar e escutar. Se a flecha não toca, não se olha nem se escuta. Por isso eu escolhi a palavra como flecha, para falar com o não indígena. (Davi Kopenawa, 2023).



Com as palavras do grande Xamã e líder político Davi Kopenawa, autor de uma das obras mais importantes desse quarto de século, *A Queda do Céu: palavras de uma Xamã Yanomami*, abrimos as reflexões desse livro, que nesse momento de crise climática e civilizatória global, procura ser uma modesta contribuição ao Brasil, que o ajude a pensar a si mesmo, a encontra-se e a descobrir-se no seio de sua matriz indígena, nutrindo-se de sua beleza e de sua sabedoria ancestral, para curar-se dos traumas e desigualdades provocados pelo pai violento.

“A mãe do Brasil é indígena, ainda que o país tenha mais orgulho de seu pai europeu que o trata como um filho bastardo” (Krexu, 2021). Darcy Ribeiro (1996) nos fornece, em sua clássica obra *O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*, um retrato detalhado do processo de gestação étnica do povo brasileiro, a partir de “bagos europeus” e “ventres nativos” como sementeira

humana, incorporando mais tarde, matrizes africanas, sendo que por mais de trezentos anos não vieram da Europa mulheres solteiras. Mulheres indígenas são as mães primárias do povo brasileiro, remotas avós, embora a sociedade brasileira viva em um estado de negação de seu berço indígena, alienada de sua pluralidade étnica e de sua múltipla ancestralidade e traumatizada pela interação conflitiva de seus conteúdos assincrônicos.

Apesar da brutalidade colonizadora, a matriz indígena resiste com potente determinação, recorrendo à estratégias as mais diversas, afinadas durante séculos de resistência e de acordo com a dominação a que é submetida. Sustentando-se na tocha da ancestralidade; numa íntima harmonia com a natureza e a vida; no saber intuitivo; na percepção e leitura do mundo dos sonhos; entoando cantos ao ritmo dos maracás e fazendo da dança a expressão máxima de sua espiritualidade e cosmovisão (POTIGUARA, 2019); a matriz indígena resiste em oposição ao que tem sido chamado, equivocadamente, de civilização. Nas técnicas, sobretudo as de guerra, os colonizadores a superaram e dominaram, não sabemos até quando. Mas em arte, em convivência humana, em respeito à vida e à natureza, se quisermos sobreviver nesse planeta, seremos obrigados a aprender com ela.

A palavra como flecha, sugerida pelo grande Xamã Yanomami, pode ser lançada em diferentes sentidos e a expressão *Abya Yala*, da língua do povo Kuna do norte da Colômbia, que significa “Terra madura, Terra Viva ou Terra em florescimento”, vem sendo utilizada pelos povos originários do continente americano, como contraponto e alternativa à palavra “América”. (Porto-Gonçalves, 2009). Embora os diferentes povos atribuíssem diferentes nomes às regiões que ocupavam antes da chegada dos europeus a palavra *Abya Yala* tem sido cada vez mais usada nos

fóruns e assembleias indígenas como sinônimo de América, promovendo uma retomada linguística do continente, rejeitando a atribuição do nome que homenageia o colonizador europeu e, ao mesmo tempo, procurando edificar um sentimento de unidade e pertencimento, lembrando que dar nome próprio é também uma forma de se apropriar.

O uso da palavra *Abya Yala* para designar todo o continente faz parte um movimento político-identitário que sinaliza a superação de um extenso ciclo de isolamento político a que esses povos foram submetidos e o mesmo sentido, de unidade e pertencimento, está expresso na palavra “parente”, utilizada por diferentes povos indígenas do Brasil, de línguas e culturas diversas, para se referirem uns aos outros. Invocando vínculos de afinidade e familiaridade, com os quais se diferenciam da coletividade não indígena, criam laços de adoção e, por meio dessa palavra, estabelecem relações de parentesco que unem a todos, cobrindo as diferenças. A unidade política, contudo, não nega a diversidade dos povos no interior do movimento, ao contrário, se fortalece nessa diversidade e se complementa na pluralidade das vozes.

Somando-se a essas palavras, há todo um novo vocabulário político que vem sendo construído pelos povos nativos usurpados pela colonização europeia, e é nesse contexto que a própria expressão “povos originários” se reveste de sentido. Esse novo léxico político rejeita a construção colonial e racial da identidade do mundo moderno, como nas palavras de Daniel Munduruku (2017, p. 4), escritor, professor, ator e ativista indígena brasileiro: “Eu não sou índio, não existem índios no Brasil. Essa palavra não diz o que eu sou, diz o que as pessoas acham que eu sou. Essa palavra não revela minha identidade, revela a imagem que as pessoas têm e que muitas vezes é negativa”.

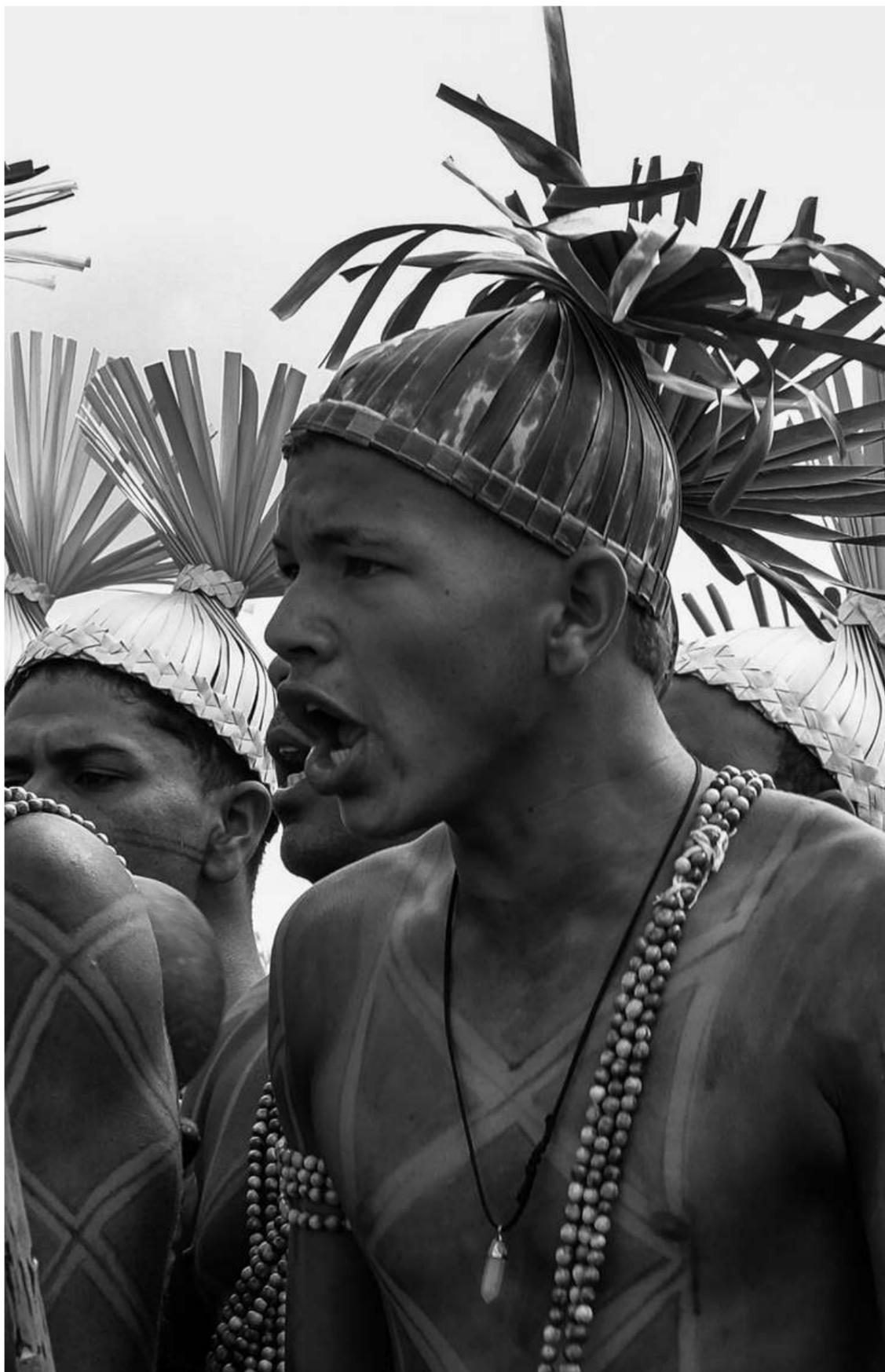


No Brasil, os indígenas nunca identificaram a si mesmos como “índios”, eles se reconhecem como “povos”, como os Terenas, Kaiapós, Mundukurus, Guajajaras, Yanomamis, totalizando 305 etnias originais, falantes de 274 línguas diferentes. (IBGE, 2010). A designação genérica de “índio” foi uma atribuição dos europeus, “numa subtração furtiva de suas identidades” e redutora de sua complexa e fabulosa diversidade, numa tentativa de apagamento de suas formas próprias de ser, saber e viver e de suas relações harmoniosas com a natureza. (Oliveira, 2020, p. 4).

O novo vocabulário político dos povos indígenas também substitui a expressão “luta pela terra”, em que a terra concebida como um meio de produção, pela expressão “luta pelo território”, esse último entendido como resultado de uma soma da natureza com a cultura. (Porto-Gonçalves, 2009).

Conceituando território como natureza mais cultura, a luta pelo território arrasta numerosas consequências epistêmicas e políticas, uma vez que já não diz respeito somente a uma extensão territorial, mas a uma cosmovisão do mundo em que o homem não se encontra separado da natureza, mas vive nela, do seio dela e com ela, numa organicidade até agora incompreensível para o pensamento colonizador.

Entorpecido com a ideia de separação e se concebendo acima ou fora da natureza, esse pensamento eurocentrado, vertido no mundo a partir das naus e caravelas, concebe a humanidade de um lado e a natureza de outro, sendo a primeira um sujeito e a segunda, um objeto que se pode desmontar e relacionar na forma de leis matemáticas, sem qualquer dignidade, vida ou propósito que nos impeça de desvendar seus mistérios. No âmago da atual crise climática e civilizatória global encontra-se essa



visão equivocada natureza. Excluindo de sua racionalidade tudo o que se associa ao feminino, tal como a intuição, a interação, a cooperação, a subjetividade, os valores, a sensibilidade e os afetos, esse pensamento equivocado colocou-se em oposição à vida que nos dá suporte e seguindo os passos do Curupira, o diabo de pés invertidos que marcha diligente das trevas para a vida, nos arrastou direto para o abismo.

Na cosmovisão expressa pelo escritor e ativista indígena Ailton Krenac (2019), o mais novo “imortal” da Academia Brasileira de Letras, é um absurdo a ideia de nós humanos “nos descolarmos da terra”, vivendo uma fria abstração civilizatória: “Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza”. (KRENAC, 2019, p.16-17). A resistência indígena recusa alienar-se desse organismo de que somos parte, a Terra. Assim como recusa a ideia de superioridade humana em relação aos outros seres vivos.

Em suas Ideias para Adiar o Fim do Mundo, Krenac (2019, p.19) nos conta de povos e pessoas indígenas que conversam com montanhas e com as águas dos rios, de plantas que são mestras e professoras, de lugares “onde as montanhas formam casais. Tem pai, mãe, filho, tem uma família de montanhas” e as pessoas fazem festa, cantam e dançam, oferecem dádivas e recebem presentes das montanhas. Essas narrativas se opõem à pregação de um fim de mundo que tenta nos fazer desistir dos nossos sonhos e a uma globalização que não é mais que o compartilhamento da miséria, semeando monoculturas de pensamento e modos únicos e desbotados de existência.



Rompendo os limites estreitos da linguagem ocidental com um novo vocabulário político, o movimento dos povos indígenas introduz narrativas vivas e conceitos quentes, que derretem as fronteiras em que o pensamento colonizador encarcerou a realidade. Essa ruptura linguística propõe uma nova grafia humana sobre a Terra, compreendendo-a como um território de passagem, plataforma de numerosas formas de vida e de diferentes cosmovisões, todas legítimas na convivência, cumprindo seus ritmos cíclicos e incessantes de nascimento e morte.

O novo léxico político da matriz indígena funciona como um atrator, em torno do qual um outro sistema pode se configurar, desnaturalizando a construção racial e hierárquica da identidade do mundo moderno, enraizada na linguagem, nas experiências e subjetividades dos povos europeus, constituindo uma chave para pensarmos descolonialmente. Nesse momento em que colhemos os frutos perigosamente destrutivos da investida do homem contra a natureza, este livro propõe uma escuta ativa dessas vozes plurais, silenciadas durante séculos de violência e uma contemplação serena de suas imagens plenas de vigor e de beleza, pretendendo ser uma contribuição diminuta no aprendizado do Brasil sobre si mesmo.

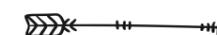
Os depoimentos e fotografias que compõem o livro foram registrados durante o décimo nono Acampamento Terra Livre (ATL), a maior assembleia de povos indígenas do Brasil, ocorrida na cidade de Brasília, entre os dias 24 e 28 de abril de 2023, período em permanecemos acampados, num contato estreito, direto e sem intermediários, com cerca de seis mil indígenas de 200 povos diferentes, na Praça da Cidadania na Capital Federal do Brasil.



As imagens registradas são possibilidade de memória e podem ser compreendidas e acolhidas imediatamente por qualquer pessoa, capazes que são de se comunicar diretamente. Cada fotografia é um momento que insiste em ser lembrado, expressando a sensibilidade e a força de criação dos povos originários que sempre foram vistos e representados pela perspectiva dos colonizadores, mas que no tempo presente, tomam a palavra de registro de suas próprias falas.

Recuperando a metáfora da palavra como flecha, que o livro seja um arco lançando no futuro, as palavras e imagens capturadas num breve momento de uma batalha épica e ancestral travada há mais de quinhentos anos. Nesse momento de crise global, que as flechas lançadas toquem os corações dos homens para que olhem e escutem, buscando reconciliação com a Natureza e com todas as forças femininas da Terra.

A Autora





Narrativas de Resistência



“O Brasil é
Terra Indígena”

“O futuro indígena é hoje. Sem demarcação não há democracia.”



“Estamos aqui pelos que nos antecederam,
por nós, mas também estamos pelos que
virão, reverenciando sempre os nossos
idosos e as nossas idosas, nossos
guardiões e nossas guardiãs e todos
aqueles que iniciaram essa luta”. (Juliana
Canindé na Plenária do Acampamento
Terra Livre)



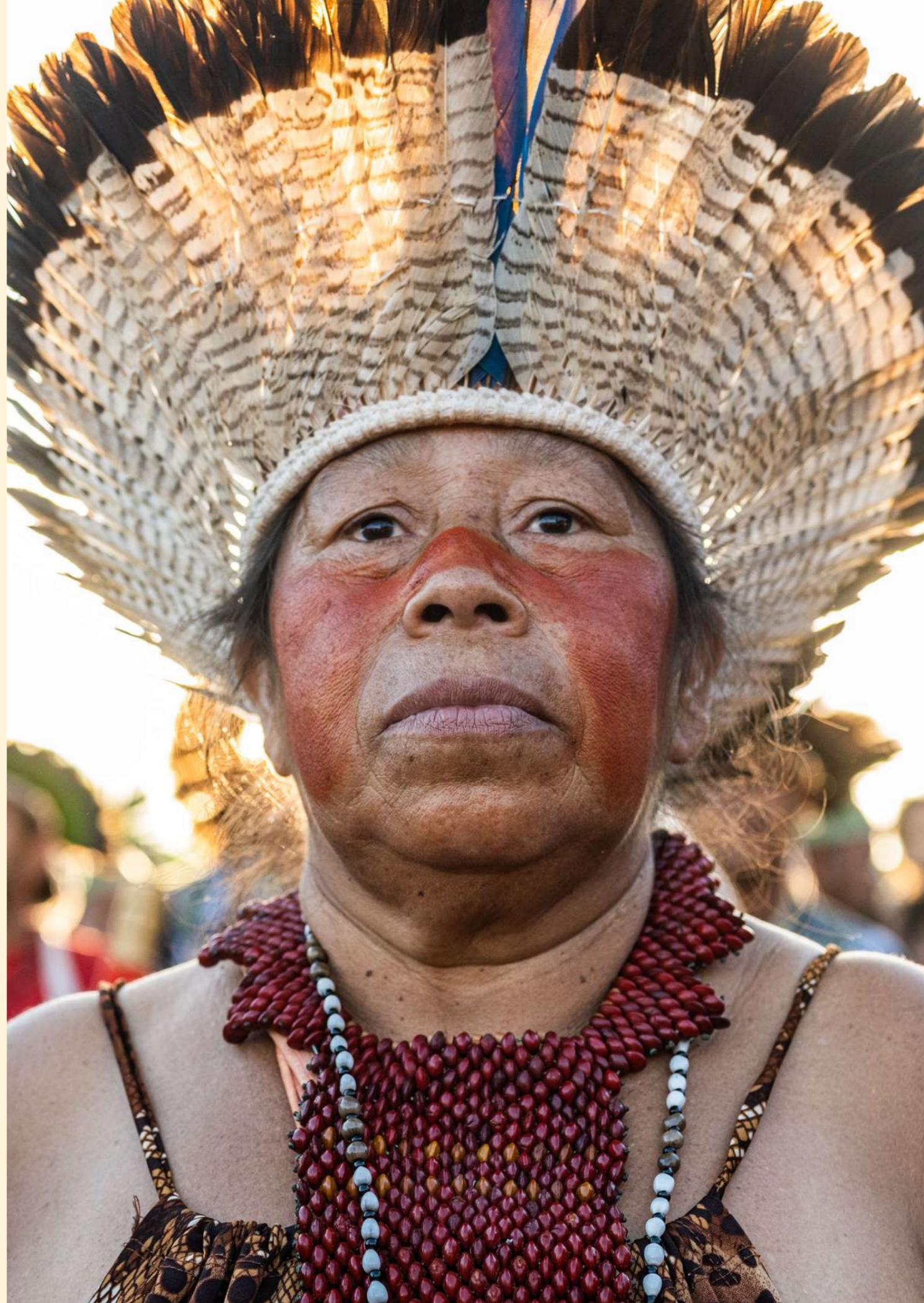


“Os povos indígenas são detentores de conhecimentos, são sujeitos de direitos e são os que promovem a proteção dos territórios, proteção essa que garante a sustentação, hoje, do mundo, do globo. E nós, enquanto povos indígenas, temos feito, desde sempre, alertas, mas esses alertas nunca foram respeitados”
(Liderança na Plenária do Acampamento Terra Livre)

“A nossa luta pela preservação, em manter os biomas, as florestas de pé, não é só nossa, porque não é só nós que estamos vivendo e compartilhando desse território, desse mundo.”
(Liderança na Plenária do Acampamento Terra Livre)



“Estamos aqui trazendo essa voz, essa luta, para que o mundo entenda que sem nós, povos indígenas, não existirá o mundo. Sem nós, povos indígenas, não existe o meio ambiente, não existirá florestas. Sem as florestas não viveremos. Mas, não haverá mais tempo se a gente continuar lutando sozinhos.” (Liderança na Plenária do Acampamento Terra Livre)



“Os grandes empresariados olham a floresta ou olham qualquer espaço como um pedaço a ser comercializado e a ganância do homem é tão grande que ele vai acumulando, vai acumulando e às vezes não deixa nem pro filho dele, nem pro neto dele.”
(Liderança no Fórum Nacional de Educação Escolar Indígena durante o ATL 2023).



“É preciso que o mundo entenda, todos juntos,
que a Mãe Terra é uma só, não existe outra.”
(Liderança na Plenária do Acampamento Terra
Livre)





“Nós povos indígenas contribuimos com a proteção da biodiversidade, das florestas e das águas, e consequentemente, com a manutenção do equilíbrio climático, graças à relação espiritual e harmoniosa que mantemos com a Mãe Terra, da forma que aprendemos com os nossos ancestrais e nossos encantados.” (Trecho do Documento Final do Acampamento Terra Livre)



“A gente tem a resposta para essas mudanças climáticas, para essa emergência climática que estamos vivendo hoje. A gente tem os mecanismos tradicionais, mecanismos que podem sim, reverter, podem curar essa Terra.” (Liderança na Plenária do Acampamento Terra Livre)



“O Estado brasileiro, ele não é formado apenas pelo bioma Amazônico. Precisamos proteger, precisamos preservar a Amazônia, mas nós temos a Mata Atlântica, nós temos o Cerrado, nós temos a Caatinga que é um bioma brasileiro, o único bioma brasileiro. Nós temos os Pampas, o Pantanal e nós temos ainda, o bioma Marinho, que precisam ser contemplados.” (Liderança na Plenária do Acampamento Terra Livre)

“Os povos indígenas do Brasil tem outros irmãos no mundo. Somos sete regiões sócio culturais no planeta, sete polos globais com milhões, que estão escutando e olhando a nossa luta. Povos indígenas de todo o mundo estão unidos com os povos indígenas do Brasil. Somos uma aliança global em trabalho conjunto para nos defendermos da crise climática, para lutar pela nossa Mãe Terra”.
(Liderança da Amazônia Equatoriana na Plenária do Acampamento Terra Livre)





“Nós somos todos parentes e pra nós não existe fronteira, não existe linha, não existe muro. Nosso território, nossos rios, nossas florestas, nós somos parte de tudo isso.”
(Liderança ao Microfone da Marcha ao Congresso)

“Cada terra indígena demarcada é um suspiro
a mais para o Planeta” (Trecho do Documento
Final do Acampamento Terra Livre)



“Um povo que demorou 523 anos para ter o primeiro Ministério dos Povos Indígenas, que nós falamos que é novo, mas, que também é ancestral, porque cada um aqui, embora nunca ocupou a cadeira de ministro do meio ambiente, nós somos os principais Ministros do Meio Ambiente, porque são os nossos territórios que seguram para não passar a boiada.”
(Célia Xakriabá na Plenária do Acampamento Terra Livre)



“Nosso marco não é temporal, nosso marco é ancestral. Porque se querem realmente falar de marco temporal, nós precisamos falar do marco temporal da invasão do Brasil.” (Célia Xabriabá na Plenária do Acampamento Terra Livre)





“O que acontece no Mato Grosso do Sul, a violência contra nossos parentes Guarani Kaiowá as mulheres que estão lá sendo violentadas, nós sentimos essa dor.” (Sonia Guajajara na Plenária do Acampamento Terra Livre)

“O extremo sul da Bahia que está lá com conflitos contra a juventude, porque estão na retomada do território tradicional, nós sentimos essa dor.” (Sonia Guajajara na Plenária do Acampamento Terra Livre)





“O povo lá do Vale do Javari, que está lá ainda hoje, chorando lágrimas pelo assassinato brutal de Dom Philips e Maxwell Bruno Pereira, nós sentimos essa dor e seguimos juntos lutando para acabar com essa violência”.
(Sonia Guajajara na Plenária do Acampamento Terra Livre)

“As mulheres indígenas se levantaram sem medo e viemos com a cara e com a coragem enfrentar o governo passado e derrotamos aquele que queria ocupar as nossas terras, tirar o ouro e abusar das terras indígenas e de nossas mulheres. Porque somos nós que fazemos a proteção da terra indígena e o Grande Espírito nos deu esse novo tempo, de mulheres, não é por acaso.” (Narubia Werreria na Plenária do Acampamento Terra Livre).





“Vamos dizer basta, mulheres. Basta de violência, de tráfico de mulheres, de mineração, de hidrelétricas, de garimpo dentro das nossas terras”. (Liderança Feminina ao microfone da Marcha ao Congresso, durante o ATL).

“A gente quer que parem de nos matar, mas a gente também quer que devolvam pra gente, aquilo que é da gente por direito.” (Simmy Larrat na Plenária do Acampamento Terra Livre)





“Tentaram nos silenciar e nós estamos aqui para reafirmar a nossa existência, a nossa pluralidade e a nossa coletividade enquanto povos indígenas” (Danilo Tupinikin na Plenária do Acampamento Terra Livre)

“Nós estamos aqui hoje com o compromisso de reconstruir o nosso país.” (Sonia Guajajara na Plenária do Acampamento Terra Livre)



“Nunca mais um Brasil sem nós”.
(Grito de guerra no
Acampamento Terra Livre)





“É importante também decolonizar a imagem e o imaginário colonial do que é o ser indígena. Que para além daquele estereótipo do selvagem, que não deveria estar ocupando muitos desses espaços, a gente também tem as nossas pluralidades, a gente também está nessa luta cotidiana de enfrentamento ao racismo.” (Danilo Tupinikin na Plenária do Acampamento Terra Livre)

“As pessoas nos tratavam
como pessoas folclóricas, nós
fazíamos parte do folclore
brasileiro e isso nos
incomodava muito.”
(Alexandre Pankararu na
Plenária do Acampamento
Terra Livre)





“Não é só porque você é um indígena que você tem que estar dentro do mato, morando numa oca e andando pelado como eles falam, como querem que a gente seja.” (Jú Potiguara em entrevista durante o ATL)



“Tem muitas pessoas que só reconhecem o indígena a partir das penas. Só que a gente sabe que dentro de todo o território geográfico, os povos usavam o que tinham de mais recurso dentro do seu território. Então dentro do território indígena Potiguara era a carnaubeira, a palha de carnaúba. Pena de arara nunca foi do nosso território. Mas, as pessoas generalizam e dizem assim: não, o indígena só é indígena se tiver cocar de pena.”
(Cristina Potiguara em entrevista durante o ATL)

“Quando a gente está dentro dos territórios, a gente simplesmente não sabe que é indígena, porque lá todo mundo simplesmente é. Quando a gente desce pra cidade, quando a gente se apresenta e não corresponde aos estereótipos, tem aquele peso, aquele racismo.”
(Erisvan Guajajara na Plenária do Acampamento Terra Livre)



“Em grandes veículos de mídia e comunicação, a gente ainda vê várias violências contra os nossos corpos e contra o nossos territórios, contra a nossa identidade, usando termos pejorativos, termos preconceituosos em relação aos nossos povos”. (Samela Sateré Mawé na Plenária do Acampamento Terra Livre)





“O índio do iPhone! É assim que os caras falam! Eles não usam nem o termo indígena.”
(Fiiko Tupi na Plenária do Acampamento Terra Livre)

“O mundo está se evoluindo, o Brasil se evoluiu. Nosso território foi invadido e esses cara que invadiram o nosso território, eles também se evoluíram. Eles não tomavam banho e hoje eles tomam banho, eles aprenderam com quem? Aprenderam com o nosso povo. E por que que agora nós não podemos se evoluir? (Fiiko Tupi na Plenária do Acampamento Terra Livre)





“A gente entendeu a importância de nós nos apropriarmos da tecnologia e do celular e da internet pra que a nossa narrativa seja ouvida e nós nos sentirmos contemplados com o que tão falando sobre nós, porque nada é por nós sem nós.” (Samela Sateré Mawé na Plenária do Acampamento Terra Livre)

“Não é um celular, não é uma câmera, que vai dizer se nós somos indígenas ou não. Nós estamos praticando aqui a tecnologia que o homem branco trouxe pra dentro do nosso território.” (Fiiko Tupi na Plenária do Acampamento Terra Livre)





“Nossos povos sempre se comunicaram da sua forma e do seu jeito. Mas, de um tempo pra cá, dos anos dois mil pra cá, nós surgimos, os comunicadores sociais indígenas”. (Alexandre Pankararu na Plenária do Acampamento Terra Livre)



“Os comunicadores indígenas estão ocupando as redes, demarcando as telas e trazendo pra cá essa nova história. São mais de quinhentos e vinte e dois anos de retrocesso. Muitos dos nossos povos foram brutalmente assassinados, varridos da história. E hoje, nós temos a chance de contar uma nova história. A gente tem um celular, a gente tem a câmera e a gente conta a nossa história.” (Erisvan Guajajara na Plenária do Acampamento Terra Livre)

“A comunicação é muito importante pra nossa luta, pra nós sobreviver e também pra nossa segurança. Porque as pessoas pensam duas vezes antes de nos atacar, porque sabem que vai ter um indígena lá com celular na mão.”
(Alexandre Pankararu na Plenária do Acampamento Terra Livre)



“Porque antes, quando eles faziam as denúncias, a própria FUNAI não acreditava, eles queriam foto, queriam vídeos e hoje a gente tem os comunicadores nas bases que atuam e que fortalecem e que usam a comunicação como uma ferramenta de luta”.
(Erisvan Guajajara na Plenária do Acampamento Terra Livre)





“Queremos que a nossa narrativa seja ouvida, que a nossa narrativa seja escutada”. (Samela Sateré Mawé na Plenária do Acampamento Terra Livre)

“E é assim gente, acreditem na comunicação, acreditem que essa forma é uma forma de luta e resistência e desmistificação, de decolonização, de desconstrução e de denúncia, onde a gente consegue escrever a nossa narrativa enquanto próprios protagonistas, que é o que nós somos, os protagonistas das nossas histórias.” (Samela Sateré Mawé na Plenária do Acampamento Terra Livre)



“A gente sabe o quanto é difícil chegar na cidade grande e ter que ouvir: Existe indígena LGBTQIA+? Sim, existimos e resistimos, estamos presentes e iremos ocupar todos os espaços que forem possíveis e necessários. (Larissa Pankararu na Plenária do Acampamento Terra Livre)





“Sobre esse primeiro caso de homofobia, a gente não tem como colocar Tibira nas palavras de hoje, a gente não sabe se Tibira era uma travesti, se Tibira era não binária, se Tibira era homossexual, a gente não tem como saber exatamente. Mas, era esse corpo que eles relatavam como um corpo cavalariço, com os cabelos imensos e uma voz de mulher, que foi executado em praça pública, em 1614, em cima do forte de São Luiz do Maranhão.” (Juan Nyn na Plenária do Acampamento Terra Livre).

“Tentaram impedir o nosso maracá de tocar porque disseram que era contra o regimento da casa. Um lugar onde não tem espaço pra o nosso canto e pra nosso maracá não tem lugar pra nós povos indígenas.” (Célia Xakriabá Plenária do Acampamento Terra Livre)



“Nós somos diversos, né? Somos mais de trezentos e cinco povos, são mais de duzentos e setenta e quatro línguas faladas e a comunicação tem sido a principal potência de visibilidade para nós”. (Erisvan Guajajara na Plenária do Acampamento Terra Livre)





“A palavra detrás orienta a palavra da frente. E vai ser assim que a gente vai continuar fazendo luta.”
(Célia Xakriabá Plenária do Acampamento Terra Livre)

“Hoje a gente tem a tecnologia nas nossas mãos, a gente tem o mundo na nossa mão, a gente tem um celular que a gente consegue alcançar o mundo e as nossas lideranças, os nossos mais velhos compreendem isso, compreende que a nossa luta também é uma luta digital, é a luta que a gente consegue alcançar não somente o nosso território, mas o mundo”. (Tukumã Pataxó em entrevista durante o ATL)





“Esse protagonismo indígena, gente, que nós estamos aqui dizendo que temos que celebrar, esse protagonismo está sendo atacado, está sendo ameaçado todos os dias. A terra continua sendo o principal objeto de disputa pelo poder político e pelo poder econômico.” (Sonia Guajajara na Plenária do Acampamento Terra Livre)



“Dizer que nós somos sementes, que somos brotos dessa terra, que estamos aqui na terra dos nossos avôs, de nossos bisavôs, de nossos tataravôs, mostrando para o mundo que nós existe e nossos jovens são capazes de tomar conta desse espaço, de ter as nossas casas, as nossas roças, os nossos rios, as nossas madeiras, a nossa plantação, tudo sadio, tudo em paz.” (Liderança histórica ao microfone da marcha durante o ATL)

“Queremos mostrar pro mundo que nós existe no lugar de nossos bisavôs, de nossos tataravôs, nós estamos aqui mostrando as nossas caras e a nossa coragem. Por isso, estamos dentro desse Brasil mandando esse recado. Eles rebentaram, mas nós vamos remendar e não vamos largar de mão porque o Brasil é nosso, dos povos indígenas”.
(Liderança histórica ao microfone da Marcha durante o ATL)





“O futuro é ancestral”





Referências

KOPENAWA, Davi. A palavra como flecha. Entrevista concedida a Marcelo Carnevale. *Amazônia Real*, publicado em 23/05/2023. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/especiais/a-palavra-como-flecha-davi-kopenawa-yanomami/>. Acesso em 23 out. 2023.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A Queda do Céu. Palavras de um xamã Yanomami*. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. Companhia das Letras, São Paulo, 2021.

KRENAC, Ailton. *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*. Companhia das Letras, São Paulo, 2019.

KREXU, Miriam. A Mãe do Brasil é Indígena. *Revista Xapuri Sagrado Indígena*, 26 abril, 2015. Disponível em <https://www.xapuri.info/resistencia-indigena/sagrado-indigena/a-mae-do-brasil-e-indigena/>. Acesso em 23 out. 2023.

OLIVEIRA, Maysa Leal de. Leituras CTS da Ciência e da Modernidade. *Revista Tecnologia e Sociedade*, Curitiba, v. 19, n. 57, jul/set. 2023, pp. 55-73. DOI: [10.3895/rts.v19n57.16352](https://doi.org/10.3895/rts.v19n57.16352)

_____. Reflexões sobre o Velho Mundo e Proposições para um Mundo Novo. In OGATA, Marcia Niituma; PEDRO, Wilson José Alves (Org.). *Diálogos CTS com Paulo Freire*. Editora da Universidade Estadual da Paraíba - EDUEPB, Campina Grande/PB, 2021. p. 29-36. Disponível em: <https://zenodo.org/records/6026491>. Acesso em: 15/10/2023.

_____. Uma leitura CTS das relações entre ciência e cultura no Brasil: dos conteúdos assíncronicos aos diálogos possíveis e desejáveis. *Revista Tecnologia e Sociedade*, v. 16, n. 40, Curitiba/PR, pp. 1-16, abr./jun. 2020. DOI: [10.3895/rts.v16n40](https://doi.org/10.3895/rts.v16n40)

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Entre América e Abya Yala - Tensões de Territorialidades. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, n. 20, p. 25-30, jul./dez. 2009. Editora UFPR.

POTIGUARA, Eliane. *Metade Cara, Metade Máscara*. GRUMIN Edições, Rio de Janeiro, 2019.

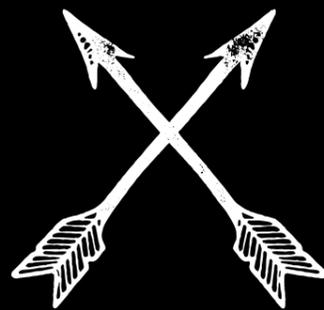
RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. Companhia das Letras, São Paulo, 1995.

SILVA, Iago Gomes da; MIRANDA, Eduardo Oliveira. A decolonialidade e corpo-território como base epistêmica para compreensão do racismo ambiental no Brasil. *Geografia Ensino & Pesquisa*, v. 26, p. e5, 2023. DOI: <https://doi.org/10.5902/2236499472396>. Acesso em 18 out. 2023.

MUNDURUKU, Daniel. Eu não sou índio, não existem índios no Brasil. *Nonada Jornalismo*, 2017. Disponível em: <https://www.nonada.com.br/2017/11/daniel-munduruku-eu-nao-sou-indio-nao-existem-indios-no-brasil/>. Acesso em 18 out. 2023.

SOBRE ESSE LIVRO

Esse livro é parte dos resultados da pesquisa de pós doutorado de sua autora junto ao Grupo de Pesquisa Pensamento Comunicacional Latino Americano (PCLA), da Faculdade de Arquitetura, Artes, Design e Comunicação da Universidade Estadual Paulista (UNESP) e conta com apoio e financiamento da Pró Reitoria de Pesquisa (PROPe) desta Universidade, através do Edital 013/2022.



SOBRE A AUTORA

Maysa Leal de Oliveira é comunicadora social com doutorado em Ciência, Tecnologia e Sociedade pela Universidade Federal de São Carlos e pós doutorado em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Tem pesquisado temas da cultura brasileira e da América Latina e publicado capítulos de livros e artigos, o último dos quais - *Leituras CTS da Ciência e da Modernidade* - publicado na *Revista Tecnologia e Sociedade* da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), em setembro de 2023.